

SÃO LUÍS MARIA
GRIGNION DE MONTFORT

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME

1) O amor da Sabedoria eterna e a Palavra de Deus como fundamentos da ação evangelizadora e da espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort

São Luís Maria Grignon de Montfort escreveu esta obra, que se pode considerar um verdadeiro e profundo tratado sobre a Sabedoria eterna, provavelmente tendo como primeiras destinatárias as religiosas de uma das congregações por ele fundadas, e que constitui um dos ramos da hoje chamada Família Montfortina: as Filhas da Sabedoria. Essa congregação foi fundada por ele, juntamente com a bem-aventurada Marie-Louise Trichet, em 1703, com o objetivo de garantir a assistência, a formação religiosa e a educação das populações menos favorecidas da região ocidental da França. No início, a congregação atuava no campo hospitalar, passando posteriormente a trabalhar no campo educacional, junto a crianças carentes. Em 2005, a congregação possuía aproximadamente 2.000 irmãs espalhadas pelos cinco continentes, um terço das quais servindo na Igreja da França.¹

Em 21 de junho de 1997, São João Paulo II dirigiu uma belíssima mensagem à Família Montfortina por ocasião do 50º aniversário da canonização de seu fundador. Nessa mensagem, o Santo Padre assim se refere ao testemunho de santidade e vida apostólica de São Luís Maria Montfort e ao legado de sua obra

¹ Cf. verbete “Filles de la Sagesse”, disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Filles_de_la_sagesse>.

de imenso valor teológico e espiritual, com particular referência a seu amor à Sabedoria encarnada:

São Luís Maria tomou por lema estas simples palavras: “Só Deus”. Ele cantava: “Só Deus é a minha ternura, só Deus é o meu sustentáculo, só Deus é todo o meu bem, a minha vida e a minha riqueza” (*Cântico* 55, 11). Nele, o amor por Deus era total. Era com Deus e por Deus que ia ao encontro dos outros e percorria os caminhos da missão. Continuamente consciente da presença de Jesus e de Maria, era em todo o seu ser uma testemunha da caridade teologal, que ele desejava fazer partilhar. A sua ação e a sua palavra não tinham por finalidade senão chamar à conversão e fazer viver de Deus. Os seus escritos são de igual modo testemunhos e louvores ao Verbo encarnado, e também a Maria, “obra-prima do Altíssimo, milagre da Sabedoria eterna” (cf. *O amor da Sabedoria eterna*, n. 106).²

É nessa perspectiva, tão bem delineada pelo Papa polonês, que se situa o sentido fundamental desta obra, qual seja, em outras palavras: incutir nos corações das mulheres e dos homens de boa vontade – e não unicamente das Filhas da Sabedoria – o amor pela Sabedoria eterna, a partir do conhecimento, reflexão e meditação sobre o amor infinito que Ela demonstrou por nós, assumindo a forma humana no seio da Virgem Santíssima, chegando à consequência extrema de sua Encarnação ao morrer na cruz do modo mais atroz e humilhante que qualquer ser humano poderia sofrer.

Conforme afirma São João Paulo II, São Luís Maria tem uma “espiritualidade teocêntrica”, aberta a comunicar-se sobretudo aos mais humildes. Sua intensa vida de oração e

² “Mensagem do Papa João Paulo II à família montfortina por ocasião do 50º aniversário da canonização do fundador”, Vaticano, 21 de junho de 1997. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/june/documents/hf_jp-ii_spe_19970621_montfort.html>.

sua capacidade de refletir sobre as verdades apreendidas pelo coração – através da fé que nos é comunicada pela Igreja – não se restringiam a permanecer com ele, no âmbito de uma espiritualidade intimista ou individualista, mas transbordavam em sua atividade apostólica e no impulso a colocar por escrito tudo aquilo que só poderia lhe vir da oração, escrevendo na perspectiva de que não apenas os sábios e entendidos pudessem compreendê-lo, mas sobretudo os simples e menos instruídos:

Ele tem “o gosto de Deus e da Sua verdade” (*O amor da Sabedoria eterna*, n. 13) e sabe comunicar a sua fé em Deus, do Qual exprime ao mesmo tempo a majestade e a doçura, pois Deus é fonte transbordante de amor. O Padre de Montfort não hesita em abrir aos mais humildes o mistério da Trindade, que inspira a sua oração e a sua reflexão sobre a Encarnação redentora, obra das Pessoas divinas. Quer fazer compreender a atualidade da presença divina no tempo da Igreja [...]. Na nossa época, o seu testemunho pode ajudar a fundar com vigor a existência cristã sobre a fé no Deus vivo, sobre uma relação calorosa com Ele e sobre uma sólida experiência eclesial, graças ao Espírito do Pai e do Filho, cujo Reino continua no presente.³

Outros Papas além de São João Paulo II citam São Luís Maria Grignon de Montfort em seus discursos, encíclicas e exortações, testemunhando a relevância de seu pensamento para nossos dias. Bento XVI, por exemplo, em sua Audiência Geral de 19 de agosto de 2009, o exaltou como uma das “personalidades de elevado relevo” da “escola francesa” de santidade, que “teve entre os seus frutos também São João Maria Vianney”.⁴

³ *Idem*.

⁴ Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audien-ces/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090819.html>.

Com Papa Francisco não é diferente. Em seu *Discurso aos Participantes no Capítulo Geral dos Irmãos de São Gabriel e aos membros da Família Montfortina*, o Santo Padre enfatiza o amor da Sabedoria encarnada e a Palavra de Deus como fundamentos de sua ação evangelizadora e de sua espiritualidade. Tais devem ser também os pilares da vida não só dos religiosos e religiosas que têm São Luís Maria como pai e fundador, mas também de todos os homens e mulheres de boa vontade:

Esta é a ocasião para fazer memória, para agradecer e para voltar aos fundamentos lançados, há mais de trezentos anos, por São Luís Maria Grignon de Montfort — cujo aniversário de morte recordareis amanhã [...]. Um destes fundamentos é a Palavra de Deus, que deve ser meditada constantemente a fim de que se encarne na vida e, pouco a pouco, modele os pensamentos e os gestos segundo os de Cristo. O outro é a Sabedoria, cujo amor e busca incessante inspiraram São Luís Maria a escrever páginas luminosas. Para alcançá-la, ele convida a “ouvir Deus com submissão humilde; a agir n’Ele e através d’Ele, com fidelidade perseverante; e, por fim, a obter a luz e a união necessárias para inspirar nos outros o amor pela Sabedoria, a fim de os conduzir para a vida eterna” (*O amor da Sabedoria eterna*, n. 30). Pondo em prática tais conselhos, conseguireis discernir os particulares desafios, que constituem sempre oportunidades para “recomeçar juntos a partir de Cristo e de Montfort”.⁵

2) Visão geral da obra

A obra que temos em mãos pode ser dividida em duas partes: a primeira referente à Sabedoria eterna conforme reve-

⁵ *Discurso do Papa Francisco aos participantes no Capítulo Geral dos Irmãos de São Gabriel e aos membros da Família Montfortina*, Sala Clementina, 27 de abril de 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/april/documents/papa-francesco_20180427_familia-monfortana.html>.

lada no Antigo Testamento (capítulos I a VIII) e a segunda (IX em diante) relativa à Sabedoria encarnada, conforme revelada no Novo Testamento, na Pessoa do Verbo que se fez carne no seio da Bem-aventurada Virgem Maria: Jesus Cristo, Filho Unigênito do Pai, Deus conosco, cujo amor veio revelar-nos através de sua encarnação, do anúncio do Reino, de sua morte e de sua ressurreição.

A obra se inicia com uma Oração à divina Sabedoria, exaltada pelo autor como “soberana do céu e da terra”, a Quem ele suplica perdão por “ousar falar de suas maravilhas, embora sendo tão ignorante e pecador” (n. 1). É a atitude de alguém que se dispõe, com coração reto e espírito decidido, a confirmar os irmãos na fé e no caminho da salvação, tal qual mestre e bom pastor. O autor também reconhece a atuação da graça santificante em sua vida, numa atitude de gratidão que também se afigura fundamental nos corações daqueles que Deus escolheu para edificar seu Reino no mundo e proteger a vinha que é seu povo:

Vós tendes tantas belezas e doçuras, me preservastes de tantos males e me cumulastes de tantas graças, e mesmo assim ainda sois tão desconhecida e desprezada. Como podereis querer que eu me cale? Não são apenas a justiça e o reconhecimento que me obrigam a falar de vós, mas também o meu próprio interesse, e o farei ainda que gaguejando! (n. 1)

São Luís Maria reconhece que sua obra pode parecer desprovida de metodologia,⁶ mas justifica-se por seu “desejo tão grande” de possuir a Sabedoria eterna, inspirando-se em Salomão nesse modo de “tatear sem método” (n. 2). Por outro

⁶ De fato, São Luís Maria teve uma formação excelente junto aos jesuítas e, posteriormente, no célebre e respeitado seminário Saint-Sulpice, de Paris, onde realizou os estudos de Teologia.

lado, seu esforço por difundir o amor à Sabedoria eterna também justifica seu modo de proceder na redação da obra. Trata-se, ao contrário, de uma clara disposição a colocar-se ao sabor do vento do Espírito, que sopra onde quer e como quer (cf. Jo 3,8).

O capítulo I versa sobre a necessidade do conhecimento da Divina Sabedoria e os vários tipos de Sabedoria. A necessidade de conhecer a Divina Sabedoria se deve principalmente ao fato de não se poder amar aquilo que não se conhece, de modo que só se ama pouco a Deus quando não se conhece muito a seu respeito. Por isso a importância daquela que São Luís Maria designa como “a mais nobre, a mais doce, a mais útil e a mais necessária de todas as ciências e conhecimentos do céu e da terra”, qual seja, “a ciência supereminente de Jesus” (n. 8), cujo objeto é “o que há de mais nobre e mais sublime, a Sabedoria incriada e encarnada, que abriga em si toda a plenitude da divindade e da humanidade, tudo o que há de grande no céu e na terra, todas as criaturas visíveis e invisíveis, espirituais e corpóreas” (n. 9).

No capítulo II, o autor apresenta a origem e a excelência da Sabedoria eterna. Tal origem se situa antes do tempo e da criação do Universo, tendo como princípio a própria essência e eternidade do Pai e relacionando-se intrinsecamente com o mistério da Santíssima Trindade. A excelência da Sabedoria eterna, por sua vez, diz respeito às operações da Sabedoria nas almas; tais operações são a “grande variedade de estados, funções e virtudes das almas” (n. 29) e se encontram referidas em Eclesiástico 24, que São Luís Maria cita integralmente.

O capítulo III narra as maravilhas da divina Sabedoria na criação do mundo e do homem. Além de criar, ou seja, trazer ao ser, sendo, portanto “a mãe e a artífice de todas as coisas” (n. 31), a Sabedoria também é aquela que mantém e conserva as criaturas no ser: “a Sabedoria eterna permanece em todas as coisas, para sustentá-las, contê-las e renová-las”. O homem

é concebido como a “obra-prima” da Sabedoria eterna, “a imagem viva de sua beleza e de suas perfeições, o grande vaso de suas graças, o tesouro admirável de suas riquezas e seu único vicário na terra” (n. 35).

O capítulo IV fala sobre a bondade e misericórdia da Sabedoria eterna antes da Encarnação, quando Ela se compadece do estado em que Adão e a humanidade se encontraram lançados após a queda, lançados à própria sorte, privados do estado original de santidade perfeita e visão beatífica. Nesse capítulo, São Luís Maria recorre à metáfora – também presente nos Santos Padres da Igreja e cujo fundamento bíblico se encontra em Gn 1,26 – de algo como uma conferência entre as três Pessoas da Santíssima Trindade, em que, tendo como pano de fundo “uma espécie de combate entre a Sabedoria eterna e a Justiça de Deus” (n. 42), a causa do homem é defendida pela Pessoa do Filho, que se dispõe a resgatar a humanidade decaída:

A Sabedoria eterna, vendo que não havia nada no universo capaz de expiar o pecado do homem, satisfazer a justiça e apaziguar a ira de Deus – mas querendo salvar o pobre homem que Ela era inclinada a amar –, encontra um meio admirável, algo inimaginável: em seu amor incompreensível, que vai ao paroxismo, essa adorável e soberana Princesa se oferece Ela mesma em sacrifício ao Pai, a fim de satisfazer sua justiça, acalmar sua ira e nos retirar da escravidão do demônio e das chamas do inferno, alcançando para nós uma eternidade de felicidade (n. 45).

No capítulo V, citando e comentando os capítulos 7 e 8 do livro da Sabedoria, o autor faz o elogio da Sabedoria eterna, enfatizando, entre outros aspectos, sua presença em nossa vida, sem a qual não passamos de criaturas indigentes e perdidas, que não sabem que rumo tomar, desconhecendo o sentido da própria vida:

Quem pode ser pobre com a Sabedoria, que é tão rica e generosa? Quem pode ser triste com a Sabedoria, que é tão doce, bela e terna? Quem daqueles que buscam a Sabedoria diz sinceramente com Salomão: *Proposui ergo* (“Eu, portanto, decidi!”)? A maior parte das pessoas não tomou essa decisão sincera; a maioria delas não tem senão veleidades ou, pior ainda, decisões oscilantes e indiferentes. Por isso, jamais encontram a Sabedoria (n. 59).

O capítulo VI trata do desejo da Sabedoria eterna de se dar aos homens. Tal desejo é uma consequência do vínculo de amizade que os une. De fato, numa consideração otimista da humanidade, na perspectiva da Encarnação da Sabedoria eterna, São Luís Maria define o homem com termos que manifestam sua grandeza e preeminência no conjunto da criação, estando ele, de certo modo, acima até mesmo dos anjos: “compêndio” das maravilhas da Sabedoria eterna, “seu pequeno e grande mundo, sua imagem viva e seu representante na terra” (n. 64). A prova maior do desejo que a Sabedoria teve, desde a eternidade, de estabelecer relação com a humanidade decaída foi a sua Encarnação; o sinal visível e perene dessa decisão tomada no seio da Santíssima Trindade é a Eucaristia, memorial permanente de sua Paixão e vínculo sacramental entre Ela e nós:

Querendo, de um lado, mostrar seu amor ao homem até o extremo de morrer em seu lugar para o salvar, e não podendo, de outro, decidir-se por deixar o homem, Ela encontra um segredo admirável para morrer e viver ao mesmo tempo, e permanecer com o homem até o fim dos séculos: a instituição amorosa da Eucaristia (n. 71).

O capítulo VII versa sobre a escolha da *verdadeira Sabedoria*, em contraposição à *sabedoria terrena*, que consiste no “amor pelos bens da terra” (n. 80); à *sabedoria carnal*, que “é o amor

pelo prazer” (n. 81); à *sabedoria diabólica*, que “é o amor e a estima pelas honrarias” (n. 82); e à *sabedoria dos filósofos* (n. 84). É evidente que São Luís Maria não rejeita a filosofia, que desde os primórdios do cristianismo forneceu recursos conceituais importantes para a sistematização da fé. O que ele deseja, no entanto, é enfatizar a superioridade do conhecimento revelado pela Sabedoria eterna, antes e depois de sua Encarnação, em relação ao conhecimento teórico abastecido pelo pensamento filosófico. Essa distinção também se encontra em Blaise Pascal (1623-1662), outro grande pensador francês e um dos maiores filósofos modernos, que redigiu, em 23 de novembro de 1654, após uma experiência mística que marcou profundamente sua vida, um célebre *Memorial* em que se dirige a Deus como “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, não dos filósofos e dos sábios”.⁷

No capítulo VIII encontramos os “efeitos maravilhosos da Sabedoria eterna nas almas dos que a possuem”, dentre os quais destacamos a comunicação de “seu espírito pleno de luz à alma que a possui” (n. 92), pela qual o homem também se torna capaz de comunicá-lo aos outros (cf. n. 95).

O capítulo IX apresenta a Encarnação e a vida da Sabedoria eterna. Embora tenha sido anunciada a Adão, aos patriarcas e aos profetas do Antigo Testamento (cf. n. 104), apenas uma criatura encontrou graça diante de Deus a ponto de merecer tornar-se uma “habitação digna” da Sabedoria encarnada: a Santíssima Virgem Maria (cf. n. 105). Assim, em virtude da Encarnação, “toda a plenitude da divindade se derrama em Maria, na medida das capacidades de uma criatura pura” (n. 106).

Os capítulos X e XI refletem sobre a beleza encantadora e a doçura inefável da Sabedoria encarnada, que se fez um de nós “para atrair os corações dos homens a sua amizade e imitação”,

⁷ Cf. O célebre *Memorial* de Blaise Pascal se encontra citado integralmente no artigo “Blaise Pascal: o Homem e a Ciência”, disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur4/blaise_pascal.htm>.

adornando-se com “todas as amabilidades e doçuras humanas mais encantadoras e mais sensíveis, sem nenhum defeito nem imperfeição” (n. 117).

O capítulo XII consiste numa coletânea dos principais conselhos proferidos pela boca da Sabedoria encarnada e necessários a nossa salvação. São frases que integram seu Testamento de amor, que são os Evangelhos, e que Ela quis nos deixar como legado de seu amor, juntamente com a instituição da Eucaristia e a efusão do Espírito Santo, após sua Ascensão ao céu.

Os capítulos XIII e XIV versam sobre as dores atrozes suportadas pela Sabedoria encarnada por amor de nós. Destaca-se nesses capítulos uma belíssima e profunda reflexão sobre a cruz. De fato, a realidade da cruz marcou profundamente a missão de São Luís Maria como apóstolo da região Oeste da França.

Nos capítulos XV, XVI e XVII são apresentados quatro meios para adquirir a Divina Sabedoria, quais sejam: 1) um desejo ardente; 2) uma oração contínua; 3) uma mortificação universal; e 4) uma terna e verdadeira devoção à Santíssima Virgem. O desejo ardente constitui “a recompensa da fiel observância dos mandamentos de Deus”, tratando-se, portanto, de “um grande dom de Deus” (182). A oração contínua é uma condição preliminar da obtenção da Sabedoria, uma vez que “quanto maior for um dom de Deus, mais difícil será obtê-lo” (n. 184); sendo Ela o maior e mais excelente dom de Deus, só com muito empenho e sacrifício pode ser alcançada. As qualidades necessárias à oração são: uma “fé viva e firme” (n. 185), “uma fé pura” (n. 186), que não dependa de sensações, êxtases e revelações individuais, e, por fim, a perseverança (n. 188). A mortificação diz respeito a deixar as obras da carne (tudo o que se relaciona com a busca desenfreada do prazer, da riqueza e do poder), para abraçar as obras do Espírito, que muitas vezes exigem sacrifício e abnegação (cf. n. 194), pois, conforme disse a mesma Sabedoria encarnada, “é largo e espaçoso o caminho que leva para a perdição. E são muitos os que tomam esse

caminho. Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva para a vida! E são poucos os que o encontram” (Mt 7,13-14).

Por fim, a verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria, que é o objeto do último capítulo, é designada como “o mais maravilhoso de todos os segredos para adquirir e conservar a divina Sabedoria” (n. 203). O capítulo reflete sobre a necessidade da verdadeira devoção a Maria e em que consiste tal devoção. A necessidade da verdadeira devoção diz respeito a uma constatação de São Luís Maria que, para nós católicos romanos, constitui uma verdade de fé:

Jamais houve alguém senão Maria a encontrar graça diante de Deus, para si mesma e para todo o gênero humano, de modo que só ela teve o poder de encarnar e trazer ao mundo a Sabedoria eterna. Somente ela também, pela operação do Espírito Santo, tem o poder de encarná-lo, por assim dizer, nos predestinados (n. 203).

As metáforas do paraíso perdido são transpostas para o contexto novo e permanente da Encarnação e da redenção, sendo Maria a nova árvore da vida que produziu o novo e definitivo fruto da vida: Jesus Cristo. Sendo ela a árvore, dela recebemos o fruto: “quem quiser esse fruto admirável em seu coração deve ter a árvore que o produz: quem quiser ter Jesus, deve ter Maria” (n. 204).

Maria Santíssima não está acima do Senhor Jesus, o que seria uma heresia. Ela não deixou de ser uma criatura do Pai após a Encarnação do Verbo. No entanto, é um fato inegável que a Sabedoria eterna, quando abriu mão de sua divindade para fazer-se um de nós, assumindo a condição de servo (cf. Fl 2,6-11), quis também submeter-se a Maria (cf. Jo 2,51). São Luís Maria argumenta que essa submissão de Jesus a Maria, enquanto submissão do Filho à Mãe, permanece de um modo misterioso e incompreensível após a ressurreição e ascensão do Filho, e a assunção e coroação da Mãe:

[...] tendo Deus Filho, a Sabedoria eterna, se submetido perfeitamente a Maria como sua Mãe, Ele deu a ela, sobre Si próprio, um poder maternal e sobrenatural que é incompreensível, não apenas durante sua vida na terra, mas também no céu, porquanto a glória, além de não destruir a natureza, a aperfeiçoa. Disso decorre que, no céu, mais do que nunca, Jesus é Filho de Maria, e Maria, Mãe de Jesus (n. 205).

Por fim, a verdadeira devoção à bem-aventurada Virgem Maria consiste, em poucas palavras, conforme o próprio São Luís Maria refere, “em ter grande estima por suas grandezas, um grande reconhecimento por seus benefícios, um grande zelo por sua glória, em invocar continuamente seu auxílio e depender totalmente de sua autoridade, como também em apoiar-se firmemente e confiar ternamente em sua bondade materna” (n. 215). O fim último de tal devoção, bem como seu efeito final, é conceber Jesus Cristo, a Sabedoria eterna, em nossa alma e conservá-lo nela até o entardecer de nossa existência terrena, para então gozarmos da visão face a face no céu (n. 220).

No final da obra, São Luís Maria nos dá a fórmula da *Consagração a Jesus Cristo, Sabedoria Encarnada, pelas mãos de Maria*, que também constitui o ponto de culminância do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*.⁸

3) Vida e obra de São Luís Maria Grignon de Montfort

Em seu *Discurso aos peregrinos reunidos em Roma para a canonização de Luís Maria Grignon de Montfort*, de 21 de julho de 1947, o Papa Pio XII assim se refere ao grande missionário do Santo Rosário:

A característica própria a Luís Maria, e pela qual é um autêntico bretão, é sua tenacidade perseverante em perseguir o

⁸ Também publicado pela Paulus, em tradução nossa.

santo ideal, o único ideal de sua vida: ganhar os homens para dá-los a Deus. Na busca desse ideal, ele lançou mão de todos os recursos que poderia receber da natureza e da graça, de modo que pôde ser verdadeiramente, em todos os campos, o apóstolo do Oeste da França. [...] A caridade: eis o grande, ou mesmo o único segredo dos resultados surpreendentes da vida tão breve, tão múltipla e movimentada de Luís Maria Grignon de Montfort. [...] A cruz de Jesus, a Mãe de Jesus: os dois polos de sua vida pessoal e de seu apostolado. E eis como essa vida, em sua brevidade, foi plena; como esse apostolado, exercido durante apenas doze anos, se perpetua já há mais de dois séculos e se estende sobre muitas regiões! O fato é que a Sabedoria, à qual ele se entregou, fez frutificar seus labores, coroou seus trabalhos, que a morte certamente não interrompeu. A obra é toda de Deus, mas também traz consigo a marca daquele que foi seu fiel cooperador.⁹

São Luís Maria nasceu em Montfort, próximo a Rennes (França), em 31 de janeiro de 1673, filho mais velho de um advogado bretão. Sua primeira educação esteve a cargo dos jesuítas. Aos 19 anos, entrou no seminário Saint-Sulpice, em Paris, onde brilhou por sua inteligência e profunda piedade. Foi na escola de Saint-Sulpice que pôde se desenvolver sua grande devoção à Virgem Maria e à cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, dois pilares de sua missão, como acenou Pio XII por ocasião de sua canonização.

Foi ordenado sacerdote em 1700, aos 27 anos de idade, tornando-se capelão do hospital de Poitiers, onde divide a mesa com os doentes e reúne, em torno de Marie-Louise Trichet, filha de um alto magistrado, um grupo de moças que desejavam se

⁹ Publicado em francês, sob o título: *Discours du Pape Pie XII aux pèlerins réunis à Rome pour la canonisation de Saint Louis-Marie Grignon de Montfort*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1947/documents/hf_p-xii_spe_19470721_beato-de-montfort.html>. (Tradução nossa.)

dedicar aos pobres. Assim nasceu a congregação das Filhas da Sabedoria. As reformas que ele propõe e o embate de ideias com os Jansenistas incomodam a burguesia local, que consegue retirá-lo do hospital. Ele então se dirige ao papa, a fim de ser enviado em missão. O papa o envia de volta à França, como pregador das missões paroquiais, o que também o faz atrair a simpatia de alguns e a cólera de outros.

Também foram fundadas por ele duas outras congregações: uma conhecida como Companhia de Maria, dos Padres Missionários Montfortinos, que só terá início após sua morte, e a congregação dos Irmãos de São Gabriel.

Sua incansável atividade missionária de pregação pelas dioceses do Oeste da França também o colocou em conflito com as autoridades eclesásticas. Porém, o bispo de La Rochelle, dom Etienne de Champfour, tornou-se para ele um protetor eficaz. A partir de 1711, o padre Luís Maria pregou em sua diocese três missões: uma para homens, outra para soldados e uma terceira para mulheres. Tendo sido alvo de uma tentativa de envenenamento, precisou fugir da cidade, indo pregar em outras dioceses, como Aunis, Thairé, Saint-Vivien, Esnandes e Courçon. Em 1714, pregará na diocese de Saintes.

Sua atividade apostólica se desenrolou no período de dez anos, por meio de sua palavra poderosa e a chama de seu zelo, sendo inclusive acompanhada de milagres. Sua vida espiritual foi alimentada por uma oração contínua e vivificada em retiros prolongados. Uma série de cantos populares completa os frutos de sua pregação. Plantando a cruz de Cristo por inúmeros povoados e semeando a devoção ao Rosário, a Divina Providência se serviu dele para preparar os fiéis da parte ocidental da França para a resistência contra as perseguições que se seguiram à Revolução Francesa.

Após dezesseis anos de apostolado, em 1716, morre em plena atividade missionária, em Saint-Laurent-sur-Sèvre